

CAPÍTULO 11

PAULO FREIRE À LUZ DOS PREFACIADORES DAS OBRAS PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, EDUCAÇÃO E MUDANÇA E PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA



<https://doi.org/10.22533/at.ed.3051125210111>

Data de aceite: 11/02/2025

Bruna Carolina Silva Magalhães

Servidora pública federal, Graduada em Secretariado Executivo e Pedagogia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), Especialista em Gestão de Pessoas pela Faculdade Internacional de Curitiba(FACINTER)e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFRR)

Sebastião Monteiro Oliveira

Professor Associadoda Universidade Federal de Roraima (UFRR), possui graduação em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com registro no MEC N. 008/94 - AM, Mestrado em Educação pela UFAM,Doutorado em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e Pós-Doutorado em Educação pela UFAM <https://orcid.org/0000-0002-1351-1278>

RESUMO: Esta pesquisa apresenta uma breve reflexão sobre os prefácios de três obras de Paulo Freire, a Pedagogia do Oprimido, prefaciado por Ernani Maria Fiori; Educação e Mudança, prefaciado por Moacir Gadotti e Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, prefaciada por Edna Castro de Oliveira, o texto escrito por esses três autores são o foco central com o objetivo de análise e sua contribuição para cada livro, é importante destacar que os livros de Paulo Freire além de sua contribuição para educação e para formação de educadores, representam um momento distinto, o Pedagogia do Oprimido por exemplo, foi inscrito e publicado num momento muito difícil para Paulo Freire, foi durante o exílio, o que impediu a publicação no Brasil naquele momento, as outras duas obras igualmente importantes também apresentam suas peculiaridades, as pessoas que são convidadas a prefaciar, são pessoas que faziam parte do universo do autor e que admiravam a obra freiriana, com isso tentavam mostrar a essência do livro e sua importância, portanto, essa pesquisa vai mostrar uma reflexão sobre essa escrita inicial nessas três obras.

PALAVRAS-CHAVE: Prefácio; Pedagogia do Oprimido; Educação e Mudança e Pedagogia da Autonomia.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo a realização de um estudo interpretativo e reflexivo sobre Paulo Freire. Esse estudo estar ancorado ao escrito dos professores Ernani Maria Fiori, Moacir Gadotti e Edna Castro de Oliveira, que prefaciaram os livros *Pedagogia do Oprimido*, *Educação e Mudança* e *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, respectivamente.

Um aspecto importante e que despertou o interesse por essa temática, foi a vontade de querer realmente escrever sobre um assunto diferenciado, que ao se distanciar das escritas monótonas, pudesse manter profunda relação com o pensamento de Paulo Freire. Convicta de ter feito uma escolha assertiva, decidiu-se então por elencar três, dentre suas inúmeras obras, para que à luz de seus respectivos prefaciadores, pudéssemos conhecer melhor as concepções de Paulo Freire.

Desse modo, pensou-se na organização desta pesquisa como possibilidade de desenvolver as seguintes discussões: Vida e obra de Paulo Freire - um breve histórico; O que é o prefácio?; Quem são os prefaciadores? E por que foram escolhidos por Paulo Freire?; Paulo Freire à luz de Ernani Maria Fiori em *Pedagogia do Oprimido*; Paulo Freire à luz de Moacir Gadotti em *Educação e Mudança*; Paulo Freire à luz de Edna Castro de Oliveira em *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*; encerrando com as Considerações finais e Referências bibliográficas.

VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE - UM BREVE HISTÓRICO

Será feito um arrazoado sobre Paulo Freire transitando por searas como: vida, morte, infância, juventude, casamentos, assim como os filhos, frutos dessas relações, trajetória profissional e legado. Contudo, de antemão, é fundamental reconhecer primeiramente que, o espaço em tela é ínfimo para detalhar profundamente todas essas etapas da vida de Freire, sobretudo no que diz respeito ao legado deixado por ele em prol da educação do Brasil e além Brasil.

Nascido no dia 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, estado de Pernambuco, Paulo Reglus Neves Freire era o filho caçula do oficial militar Joaquim Temístocles Freire e da dona de casa Edeltrudes Neves Freire, carinhosamente conhecida como dona Tudinha. Desde sua meninice, Freire reconheceu que a relação dialógica mantida entre ele e os pais, cujas condutas por vezes eram consideradas antecipadas para àquela época, foi de fato, o alicerce fundamental para a construção de sua formação pedagógica e humana.

CHACON (2023), nos revela com clarividência um exemplo disso:

Os primeiros contatos de Freire com a leitura das palavras se deram, justamente, com seus pais, que, à sombra das mangueiras do quintal de sua casa, lhes ensinavam as primeiras palavras e frases, em um simples exercício de escrita no chão, com os gravetos que caíam das árvores. (Chacon, 2023, p.14).

Dante daquela situação, acredita-se que Freire tenha ficado admirado com a perspicácia dos pais, pois naquele lugar, segundo ele, lhe foi proporcionado no quintal de casa o seu primeiro mundo, ou seja, sua primeira escola. Isso porque, conforme analogia descrita pelo próprio Freire, enquanto o chão do quintal de sua casa fazia a função do quadro negro, o graveto servia-lhe como o giz.

Destarte, arrisco-me inclusive em imaginar que, talvez tenha nascido ali o fundamento de que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Tal afirmação contribuiu para o significado daquilo que viria ser considerado a compreensão crítica do ato de ler, cuja máxima resultou posteriormente na consagração de Paulo Freire (FREIRE, 1989, p.13).

Paulo Freire passou a maior parte de sua infância na cidade de Jaboatão dos Guararapes, local para onde se destinou a família no ano de 1931. Apesar da patente funcional exercida pelo pai como capitão da polícia militar de Pernambuco, Freire deixou claro que, os proventos percebidos por seu genitor não foram suficientes para livrar a família das severas dificuldades financeiras (CHACON, 2023. p.16).

Em 1934, com treze anos de idade, Freire recebeu a notícia de que seu pai havia falecido, recaindo sobre dona Tudinha a responsabilidade pela criação dos filhos. Como reflexo das dificuldades financeiras, a fome, cujo dissabor já não era desconhecido naquele seio familiar, assolou cruelmente Freire e seus três irmãos: Armando, Stela e Temístocles, fazendo com que sua mãe pleiteasse, perante o diretor do renomado Colégio Oswaldo Cruz, a gratuidade dos estudos de Paulo Freire, acordo que acabou sendo firmado uma vez que, Freire passou a atuar como auxiliar de disciplina no referido colégio.

Destaca-se que, em meio a tudo isso, Paulo Freire encontrou nas amizades que facilmente conquistou em Jaboatão dos Guararapes, a solidariedade que necessitava para atravessar aquele terreno pedregoso. Considero pertinente fazer essa narrativa acerca dos obstáculos defrontados por Paulo Freire, pois reafirmam que sua vida caracterizava-se por lutas, posto que desde a juventude, a contestação da realidade de opressão e miséria esteve presente nas inquietações de Freire (CHACON, 2023, p.20).

No ano de 1944, enquanto cursista da Faculdade de Direito do Recife, Paulo Freire constituiu matrimônio com Elza Maria Costa de Oliveira, com quem ficou casado até 1986 e teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Viúvo, Freire casou-se em 1988 com Ana Maria de Araújo Freire, mais conhecida como Nita Freire, com quem viveu até 1997, ano em que faleceu.

O fato de ter estudado Filosofia da linguagem concomitantemente ao curso de Direito, oportunizou a Freire condições de lecionar a disciplina de Língua Portuguesa para jovens do ensino médio. Contudo, apesar da formação jurídica, ele logo observou que não possuía aptidão para a exercer a advocacia.

Certa vez questionado sobre o que havia sido a ditadura para a educação brasileira, durante entrevista concedida ao apresentador Serginho Groisman para o Programa Matéria Prima, exibido na TV Cultura em 1989, Paulo Freire respondeu sem titubear, que tal acontecimento havia provocado estragos no Brasil por muito tempo. À época, Freire indagou a si mesmo “Como uma pessoa que, preocupadíssima em desenvolver um plano de alfabetização de adultos para o seu país, haveria de ser presa?”

Em consonância com o próprio Freire durante aludida entrevista, a ditadura por meio do governo militar, escreveu e publicou informações classificando-o como “alguém perigoso, subversivo internacional, inimigo do povo brasileiro e inimigo de Deus”. Depois disso Freire foi preso, solto e posteriormente exilado no Chile, tendo retornado ao Brasil somente em 1980.

Conquanto os argumentos mencionados acima e que foram apresentados pelo governo ditatorial, destoavam completamente da visão defendida por Freire, a saber: crença na participação popular e na transformação do mundo, sendo essa última, realizada por aqueles e aquelas que se encontravam desprovidos e roubados no seu direito de ser.

A expertise de Paulo Freire propiciou que ele ocupasse também, cargos de gestão alheios aos ambientes escolares e universitários, a exemplo de quando se tornou Diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade de Recife no ano de 1961; Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), de 1947 a 1959 e Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, no período de 1989 a 1991, na gestão da Prefeita Luiza Erundina.

Por outro lado, como consequência de seu trabalho no campo da educação, Paulo Freire obteve reconhecimento mundial, tornando-se o cidadão brasileiro com o maior número de títulos honoríficos ofertados por instituições como: Harvard, Cambridge e Oxford. Além dos 41 títulos de *honoris causa*, Freire contava ainda em seu currículo, com o Prêmio Educação para a Paz, outorgado no ano de 1986 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Ademais, em 13 de abril de 2012, a então Presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Vana Rousseff, sancionou a Lei nº 12.612/2012 originada pelo Projeto de Lei (PL) nº 5418/2005, de autoria da Deputada Luiza Erundina (PSB/SP), cujo fulcro declarou o educador Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira.

Em depoimento prestado no ano de 2015 à jovem Ester Ohl Fernande, que à época cursava Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Lutgardes Costa Freire, filho mais novo de Paulo Freire, revelou que o principal aprendizado deixado a ele pelo pai foi a humildade.

Lutgardes recordou ainda que, um determinado dia foi advertido por seu pai para que nunca se reportasse a uma pessoa de modo a questioná-la: “Você sabe com quem está falando?”, pois na concepção de Paulo Freire tal postura além de ser horrível, caracterizava a postura de opressor para oprimido, disse o filho.

Incontestavelmente Freire foi um exímio militante intelectual, cujo legado educacional permanece vivo, encabeçado não só por sua esposa Nita Freire como também pela maioria dos professores progressistas do Brasil, os quais diante das injustiças sociais sentir-se-ão incomodados, como sempre nos lembrou o professor Doutor Sebastião Monteiro Oliveira durante suas aulas.

O QUE É O PREFÁCIO?

Antes de adentrar no mérito do que fora escrito sobre Paulo Freire à luz dos prefaciadores das obras *Pedagogia do Oprimido*, *Educação e Mudança* e *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa, identifiquei a necessidade de reservar um espaço neste trabalho para tratar acerca de alguns elementos conceituais do prefácio, bem como de sua relevância para determinada obra.

Segundo o Dicionário Online de Português - DICIO, a palavra prefácio tem sua origem no latim *praefatio*, cujo significado resulta em texto introdutório que pretende apresentar ou introduzir o conteúdo de uma obra literária, normalmente escrito pelo autor ou por outra pessoa.

O acesso a um livro, seja ele novo ou não, acaba despertando em muitos leitores a ânsia em querer partir direto para as primeiras páginas do material, fazendo com tais leitores não demonstrem interesse inicial pelo prefácio. Contudo, ver-se na explicação de Santos (2019), um argumento que pode desencorajar essa supressão de leitura do prefácio:

Um prefácio é uma espécie de vitrine para a leitura. Um texto que serve para nos apresentar aquilo que iremos encontrar nas próximas páginas. Pode ser até uma visão pessoal sobre o que esperar daqui para a frente, sem muitos detalhes técnicos ou acadêmicos. (Santos, 2019 s/n).

Por isso, enxergo que os objetivos envolvo do prefácio atuarão no sentido de aradar o terreno em favor da leitura planejada, fortalecendo o processo de imersão reflexiva do leitor. Sobre o texto que integra o prefácio, Monteiro (2014) vai afirmar que “o conteúdo do prefácio quase sempre traz considerações sobre o livro e dados biográficos do autor, porém, muitas vezes, revela informações que evidenciam uma relação de proximidade entre autor e prefaciador”.

Destarte, a pertinência desse contexto de afinidade encontra lucidez na argumentação efetuada por (Tomé; Campos, 2023, p.14):

Para além da ideia de introdução e apresentação, consideramos o prefácio como um espaço privilegiado para exaltação de um autor e sua obra. Seguindo o ponto de vista de quem o escrevia, sabemos que o texto prefacial acaba transferindo o reconhecimento, o nome e a validade de uma dada autoridade sobre determinado trabalho, tornando-o autorizado aos olhos do público a que se destinava. (Tomé; Campos, 2023, p.14).

Assim tem-se que, a pactuação de ideias é certamente um quesito que formaliza muito bem a relação de particularidade que deve ser mantida entre autor e prefaciador, posto que a esse último, acaba recaindo a tarefa de promover ao leitor aspectos como: facilidade de compreensão, interesse e motivação, visando o aguçamento por àquela leitura.

Por conseguinte resta claro que, o ofício conferido ao prefaciador apesar de em muitos casos passar despercebido, carece ter sua imprescindibilidade devidamente reconhecida, pois ao fazer uso de uma escrita elogiosa, tende a oferecer ao leitor o pensamento refinado que o levou a validar e afirmar determinada obra ao público.

QUEM SÃO OS PREFACIADORES? E POR QUE FORAM ESCOLHIDOS POR PAULO FREIRE?

Pretende-se conhecer um pouco mais sobre quem são os prefaciadores das obras objeto deste estudo, analisando de modo geral, o por que Freire os escolheu para tal missão. A sessão anterior nos permitiu observar alguns elementos constitutivos inerentes à arte de prefaciar, sacramentada entre outras razões, por uma espécie de legitimação do pensamento autoral.

A curiosidade instigada em querer saber quais motivos levaram Freire a convidar tais pessoas para a prefaciação das obras em epígrafe. Poder averiguar em que momento seus caminhos se entrelaçaram, talvez por meio da troca de experiências e conhecimentos circundados pela defesa de causas semelhantes, tenham sido fatores determinantes para a decisão de Freire.

Seguindo a ordem da temática proposta para este trabalho, dar-se-á início à apresentação de Ernani Maria Fiori, o qual nasceu no Rio Grande do Sul em 1914, vindo a falecer em 1985. Fiori lecionava Filosofia do Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atuou por 22 anos, o mesmo escreveu o prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), a pedido de Paulo Freire.

No que concerne à relação de amizade que fora construída por Fiori e Freire, (Duarte; Abreu-Bernardes, 2011, pg.1) afirmam que:

(...) é importante ressaltar que Fiori e Freire se conheceram no início da década de 60. Desde então, selaram uma grande amizade que perdurou durante muitos anos. Em 1967, no auge da censura e da repressão militar, enquanto ambos permaneciam exilados no Chile, o filósofo gaúcho colaborou com Freire em seus trabalhos relacionados à Educação Popular. (Duarte; Abreu-Bernardes, 2011, p.1).

Eis aqui o surgimento de um indício importante, e que atina ao desenho traçado por Freire em relação à ponderação dos critérios para a escolha de seus prefaciadores. É nítido que esses critérios, no caso de Fiori, refletiram na escolha de alguém que tivesse comungado juntamente com Freire, de seus momentos difíceis no exílio, quiçá tenha sido igualmente preso e exilado por motivos semelhantes aos seus.

Moacir Gadotti foi o eleito de Freire para proemiar a obra denominada Educação e Mudança (1979). Nascido na cidade de Rodeio, estado de Santa Catarina em 1941, atualmente Gadotti é professor titular aposentado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e Presidente de Honra do Instituto Paulo Freire.

Devido ao Centenário de Paulo Freire ocorrido em 2021, Moacir Gadotti concedeu entrevista a Ismar de Oliveira Soares, professor titular sênior da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Ali soube-se então que, a convivência entre Freire e Gadotti havia começado por volta de 1974, quando os dois se conheceram em Genebra, na Suiça.

O próprio Gadotti, durante a referida entrevista, nos confidenciou que “*Paulo Freire, em toda a sua trajetória, pensava numa política pública de educação popular, transformadora, o oposto da educação bancária meritocrática. Falta muito para que ela se transforme numa política pública*”. (*apud SOARES, 2021, p.24*).

Irrefutavelmente, Moacir Gadotti foi muito mais que um simples amigo de Paulo Freire. De aluno a profundo convededor de seus estudos e teses, Gadotti colhe na contemporaneidade excelentes frutos, sendo reconhecido como um educador especializado em áreas como: pensamento pedagógico de Paulo Freire, Educação Popular e pedagogia da terra.

Paulo Freire conferiu à Edna Castro de Oliveira, a incumbência de prefaciar a obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996). Nascida em Santa Maria da Vitória, na Bahia, Edna possui licenciatura em Pedagogia e atualmente é professora associada aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Integrante de uma família de 11 irmãos e 7 primos, Edna Castro de Oliveira cresceu em meio à condições paupérrimas. Durante a juventude, cursou os anos iniciais dos estudos numa escola de Educação Popular da sua cidade, conforme testemunhou à Costa et al. (2022) “*Na Escola Popular trabalhei no Jardim de Infância e nos primeiro e segundo anos como educadora popular que vai ensinando aquilo que sabe fazer, aquilo que aprendeu. Desde estas experiências surgiu minha vinculação com a Educação de Jovens e Adultos*”. Com esta fala comprehende-se que, coincidentemente, Edna Castro de Oliveira iniciou sua trajetória na área de Educação Popular na mesma escola em que havia estudado.

A conexão com Freire só foi possível, segundo Edna, após ter conhecido seu esposo Admardo Serafim de Oliveira no ano de 1967, o qual era estudante no Seminário Presbiteriano do Centenário em Vitória - ES. À Costa et al. (2022) Edna revelou que, após ter concluído o curso de Teologia, seu esposo havia ficado “*Muito marcado pela Teologia da Libertação, desprendido daquelas ideias retrógradas, Paulo Freire passou a influenciar a maneira de pensar e agir, através de uma prática que o aproximava dos grupos populares que mais precisavam da nossa ajuda e acompanhamento*”.

Vale lembrar que, a conjuntura enfrentada tanto por Edna quanto seu esposo e filhos ocorreu em plena ditadura militar, por isso, diante dos fatos narrados, os mesmos foram obrigados a deixar o país em 1977, ficando exilados no Canadá até 1980. Lá, imbuídos pela ideia de localizar Freire, que já se encontrava igualmente exilado, passaram a acompanhar mais de perto sua caminhada.

Por volta de 1979, Edna e Admardo finalmente conhecem Freire em Ann Arbor, um dos *campi* da Universidade de Michigan, cuja ocasião Edna descreveu como “*Desde o momento deste encontro, passamos a assumir um compromisso ético e político com o pensamento, com a práxis, com tudo o que Paulo Freire nos ensinou a fazer na busca e no exercício permanente de trabalho com o povo*”. Costa et al. (2022).

Diante das informações acima, acredita-se que a Educação Popular tenha sido o ponto focal de convergência entre Paulo Freire e os prefaciadores dos livros Pedagogia do Oprimido, Educação e Mudança e Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.

É possível observar também que, ao longo de todo o texto, para além da demonstração quanto à familiaridade com a Educação Popular, os convidados relataram ter convivido com Freire em algum momento de suas vidas, razão pela qual crer-se que, essa confluência de pensamentos entre eles, alicerçada em posicionamentos uníssonos como: direitos humanos e sociais, empenhados em municiar os sujeitos para a construção de uma prática libertária, por meio da consciência crítica emancipatória, foram sem sombra de dúvidas, argumentos cruciais considerados por Paulo Freire.

Desse modo, tem-se adiante a chance de conhecer melhor Paulo Freire pela ótica daqueles que tiveram a oportunidade de convivência próxima com ele. No entanto, deve-se ficar atentos às informações constantes nas entrelinhas de suas narrativas, pois Freire sabia que, ao conferir a eles tal ambiciosa missão, sua voz passaria a ecoar, definitivamente, por meio de seus escolhidos.

PAULO FREIRE À LUZ DE ERNANI MARIA FIORI EM PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Previvamente faz-se necessário reconhecer que, o livro Pedagogia do Oprimido é considerado um dos clássicos de Paulo Freire. Escrito durante a estadia do referido autor no exílio, a obra publicada pela editora Paz e Terra no ano de 1987 possui 107 páginas, sendo o prefácio composto por 7. Ernani Maria Fiori inicia sua missão prefacial exprimindo reconhecimento a Paulo Freire, por pensar a existência ao invés de apenas cogitar ideias, figurando como um pensador comprometido com a vida.

De maneira didática, Fiori destrincha os caminhos percorridos pelo método Paulo Freire, cujo cerne fundamenta-se em promover a educação como prática de liberdade. O método em questão, situa-se no processo de aprendizagem em que o homem, mediatizado pelo mundo, ver-se na condição de elaborador desse mundo, ao passo que, consciente disso, torna-se autor de sua própria história.

A esse respeito, Fiori ressalta que a educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. Para o eminentíssimo prefaciador, a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

Ademais, segundo Fiori, a cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosos que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais. Ao contrário, uma nova pedagogia enraizada na vida dessas subculturas, a partir delas e com elas, será um contínuo re-tomar reflexivo de seus próprios caminhos de liberação.

No instante em que Fiori expõe que “a educação liberadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação”, comprehende-se que isso ocorre na maioria das vezes, pelo fato de tanto o currículo quanto os métodos tradicionais de ensino, nem sempre incorporarem de maneira adequada às perspectivas de reconhecimento das desigualdades e diferenças presentes no contexto dos sujeitos.

Nessa dita “nova pedagogia enraizada na vida das subculturas”, citada por Fiori, enxerga-se o currículo como elemento central responsável pelas principais mudanças educacionais almejadas, pois a partir de seu planejamento coletivo, dele depreender-se-ão os métodos de ensino, as práticas avaliativas, a valorização da diversidade, fazendo com que as diferenças não sejam encaradas como problemas, mas sim como possibilidades de abertura para a dialogicidade.

Ao contrário do que se imagina, a alfabetização não é um jogo de palavras. O prefaciador explica que a alfabetização importa na consciência da cultura, na reconstrução crítica do mundo humano, na abertura de novos caminhos, no projeto histórico de um mundo comum e na bravura de dizer a sua palavra.

Sobre o método Paulo Freire, Fiori esclarece que não se trata de ensinar a repetir palavras, muito menos restringir o desenvolvimento e a capacidade de pensá-las segundo as exigências lógicas do discurso abstrato, mas sim de colocar o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra.

Contudo, Ernani Maria Fiori expende que, como todo bom método pedagógico, a tática Freireana não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem, com ele o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la. Com isso, os alfabetizados partem de algumas poucas palavras que lhes servem para gerar seu universo vocabular. Antes, porém, conscientizam o poder criador dessas palavras, pois são elas que geram o seu mundo.

Fiori complementa justificando que, tais palavras são chamadas geradoras porque através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou re-constituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram.

Assim, ao objetivar uma palavra geradora – íntegra, primeiro, e depois decomposta em seus elementos silábicos – o alfabetizando já está motivado para não só buscar o mecanismo de sua recomposição e da composição de novas palavras, mas também para escrever seu pensamento.

É interessante o modo como Fiori esmiúça, majestosamente, o método de Freire no tocante às palavras geradoras, uma vez que essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo.

Ato contínuo, Fiori declara que a descodificação diz respeito à análise e consequente reconstituição da situação vivida: reflexo, reflexão e abertura de possibilidades concretas de ultrapassagem, dando abertura para a criticidade. Nas palavras do prefaciador, no círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo.

De acordo com Fiori, pensar o mundo é julgá-lo; e a experiência dos círculos de cultura mostra que o alfabetizando, ao começar a escrever livremente, não copia palavras, mas expressa juízos. Estes, de certa maneira, tentam reproduzir o movimento de sua própria experiência; o alfabetizando, ao dar-lhes forma escrita, vai assumindo, gradualmente, a consciência de testemunha de uma história de que se sabe autor.

A essa altura, o alfabetizando já sabe que a língua também é cultura, de que o homem é sujeito: sente-se desafiado a desvelar os segredos de sua constituição, a partir da construção de suas palavras – também construção de seu mundo, alega Fiori. Particularmente, devido ao nível em que já se encontra o aprendizado, comprehende-se que retroceder seja algo impossível de ser feito nesse estágio.

Na concepção de Fiori, talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Os rumos possíveis desse processo são possíveis projetos e, por conseguinte, a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão e compromisso.

O prefaciador deixa claro que Paulo Freire não inventou o homem, mas que apenas pensa e pratica um método pedagógico que, procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo, em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando – “método de conscientização”. Aduz o prefaciador que, como a consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicitamente, apresentação e elaboração do mundo.

Destarte, o homem se re-descobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Homem novo, sujeito no mundo e para o mundo, permeado por sua experiência de vida. Em consonância com Fiori, a consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, comprehende-o como projeto humano.

Por isso, acredita-se que a consciência do mundo implica reflexão, diálogo, comunicação, socialização e interatividade, qual seja, ver-se como impraticável o processo de conscientização isolada, uma vez que o homem precisa do outro para conscientizar-se. Fiori justifica que o diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo.

Partindo do pressuposto que a palavra é diálogo, então dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores – o povo. Ao povo cabe dizer a palavra de comando no processo histórico-cultural, declara Fiori.

Além do mais, se a direção racional de tal processo já é política, então conscientizar é politizar, sendo a cultura popular traduzida pela política popular, uma vez que não há cultura do povo, sem política do povo. Com tamanha riqueza de detalhes, Ernani Maria Fiori encerra sua missão prefacial afirmando que, a Pedagogia do Oprimido consiste no difícil, porém imprescindível, aprendizado dos dominados em aprender a dizerem a sua palavra, tomada-a dos que a detém e a recusam dos demais.

PAULO FREIRE À LUZ DE MOACIR GADOTTI EM EDUCAÇÃO E MUDANÇA

O livro Educação e Mudança foi publicado pela editora Paz e Terra no ano de 1979 contendo 46 páginas, dentre essas, 3 destinadas ao prefácio intitulado por Moacir Gadotti como: Educação e Ordem Clássica. Reconhecido por sua modéstia intelectual e profissional comprometido em pensar a vida e as relações humanas, foram com essas palavras que Gadotti descreveu Paulo Freire.

Mensageiro da esperança e aliado daqueles que considera os “portadores da liberdade”, ou seja, os oprimidos, Freire via sua obra materializada como a “expressão” dos oprimidos. Seja no Brasil ou mundo afora, embalado por certo otimismo crítico, Freire carregava consigo sua teoria e práxis, acrescentou Gadotti.

De antemão, nosso prefaciador considerou essencial a abertura de um parêntese para que fosse referenciado o retorno de Freire ao Brasil, findado o exílio, pois para Gadotti, o exílio não marcou de forma alguma o pensamento de Freire pela mágoa, muito menos pela nostalgia doentia.

Tal afirmação levou a recuperar novamente a fala de Freire que, durante entrevista a Serginho Groisman para o Programa Matéria Prima, exibido na TV Cultura em 1989, revelou à plateia que o exílio para ele foi “momento de intensa aprendizagem, contudo, longe da realidade de seu contexto”. Gadotti relembrou que ao desembarcar no Brasil, Freire demonstrou que, os quinze anos de ausência exigiria dele uma reaprendizagem e uma maior intimização com o Brasil de hoje.

Em seguida, Gadotti justifica que suas opiniões se darão entorno da “mudança”, cujo elemento identificou como sendo a temática central da obra supra mencionada, reforçando também que a palavra mudança, tema gerador da prática Freireana, sempre caminhou lado a lado com a palavra “conscientização”, mostrando-se disposto a discorrer sobre mudança tal qual o caráter de dependência da educação em relação à sociedade.

Como ponto de partida, o prefaciador nos convida a refletir sobre o seguinte aspecto: Pode a educação operar a mudança? Que mudança? Ao apropriar-se desse terreno, Gadotti passa a analisar as possibilidades e as limitações da educação, vez que nasce um pensamento pedagógico que leva o educador e todo profissional tanto a se engajar social e politicamente, quanto perceber as possibilidades da ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista.

Nas palavras de Gadotti, tal processo reflexivo prende-se ao fato da conscientização ser insuficiente para operar uma verdadeira mudança social, caso ela venha ser emanada apenas pelo educador e limitada ao campo escolar, reconhecendo assim pois, que a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão.

Pensar acerca das possibilidades de uma educação libertadora e transformadora. Eis a problematização do discurso central proposto por Gadotti neste prólogo. Cautelosamente ele afirma que, sua intenção jamais foi desqualificar a importância do diálogo, porém, para que não ocorra uma discussão ingênua, o fator “conflito” deve se fazer presente no diálogo.

Para tanto Gadotti enfatiza que, não existirá uma educação libertadora enquanto os “grandes debates”, os “seminários revolucionários” permanecerem dentro da escola, cada vez mais isolada dos problemas reais e longe das decisões políticas. O prefaciador ressalta ainda que, o diálogo defendido por Freire é aquele em que os oprimidos possam superar sua condição de oprimidos.

Isso tudo, porque dois tipos de humanismo sustentam a educação no país, apesar do caráter conservador de ambos. O idealista, frequentemente encabeçado pela escola particular e religiosa, e por outro lado, o tecnológico, professado pelas escolas oficiais e burocratas, sendo responsável por reduzir toda educação a um arsenal de metodologias e de instrumentos de aprendizagem, despolitizando a grande massa da população, afirmou Gadotti.

Por conseguinte, o educador engajado não pode limitar-se a conscientizar dentro da sala de aula, mas sim aprender a se conscientizar com a massa. A partir dessa afirmação, comprehende-se de modo especial que, o ato de promover a discussão em ambientes enclausurados representa imposição de limites para a ação pedagógica, sobretudo quando Gadotti acende o alerta sobre o risco de tal feito.

Destarte, entende-se que educação no Brasil sempre foi estigmatizada por um tradicionalismo, que visivelmente equivocado, levou-nos a crer que o fato de abrir os muros da escola para que ela pudesse ter acesso à rua, invadir a cidade, a vida, seria considerado como ação “não-pedagógica” pela pedagogia tradicional, salientou nosso prefaciador.

Logo, Gadotti viu a obra Educação e Mudança como um subsídio valioso para a compreensão da realidade educacional latino-americana, dentro de uma “sociedade fechada”, assim como a compreensão do papel do trabalhador social, do profissional engajado, compromissado com um projeto de uma sociedade diferente, isto é, uma “sociedade aberta”.

PAULO FREIRE À LUZ DE EDNA CASTRO DE OLIVEIRA EM PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA

No ano de 1996, a editora Paz e Terra publicou o livro Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Das 54 páginas que compõem o referido livro, Edna Castro de Oliveira usou apenas uma para enunciar seu prólogo. “Testemunhar a minha disponibilidade à vida e os seus chamamentos”, é uma das exigências da ação educativo-crítica defendida por Paulo Freire e, automaticamente, o motivo que levou Edna a aceitar o convite de prefaciar a obra em epígrafe.

A prefaciadora fez questão de rememorar seu saudoso esposo Admardo Serafim de Oliveira, pois foi em razão de seus estudos, que Edna teve o primeiro contato com Paulo Freire. Ela atribuiu ao esposo também, a oportunidade de ter cultivado vários dos saberes necessários à prática educativa transformadora, assegurando ter sido Freire a principal fonte de inspiração de ambos.

A obra ganhou força pela sensibilidade com que Freire problematiza e toca o educador. Ele aponta para a dimensão estética de sua prática, a qual é movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber-da-competência, argumentou Edna.

Um exemplo dessa dimensão estética adotada por Freire, ficou caracterizada pela paixão que o mesmo passou a nutrir pela Educação Popular, uma vez que, no ano de 1947, assumiu o cargo de Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Sistema Social da Indústria (SESI), instante em que direcionou seu trabalho para alfabetização de adultos. Oportunizar a promoção de ações voltadas à formação individual e coletiva do povo, sobretudo dos mais vulneráveis e excluídos do processo de formação, evidentemente se tornou uma das maiores preocupações de Paulo Freire.

Destarte, a Pedagogia da Autonomia apresenta elementos constitutivos da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana, por se tratar de um momento de aviamento e de desvalorização do trabalho do professor em todos os níveis, ressaltou Edna. Em vista disso, de modo particular, considera-se ter sido uma estratégia positiva de Freire escolher: Não há docência sem discência; Ensinar não é transferir conhecimento e Ensinar é uma especificidade humana, como capítulos do enredo proposto para o citado livro.

De acordo com Edna Castro de Oliveira, o foco principal é a construção de um ambiente favorável à produção do conhecimento, onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desmitificados. Ademais, é preciso aprender a ser coerente, pois de nada vai adiantar o discurso competente se a ação pedagógica for impermeável à mudanças.

Na medida em que critica a ética de mercado por estimular o individualismo e a competitividade, Freire enxerga a solidariedade como uma das condições para se firmar o compromisso histórico de homens e mulheres, tanto em favor da promoção quanto da instauração da ética universal do ser humano. A solidariedade, representada por essa dimensão utópica, vai encontrar na Pedagogia da autonomia uma de suas possibilidades, conclui a prefaciadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, longe de mim o esnobismo de tecer comentários sobre Paulo Freire. Na verdade, prefiro que este momento seja visto como uma boa oportunidade para se aprender um pouco mais a respeito de Freire. É importante frisar que, o tema deste trabalho foi delimitado tão logo observado a carência de referências que tratavam sobre o aludido assunto.

A maior pretensão era que, o citado tema pudesse despertar no leitor o interesse por este material, ao se levar em conta o oferecimento de um viés diferenciado de conteúdos, almejando-se o merecido destaque, mesmo em meio a tantos outros disponíveis por aí. Entendo, inclusive, que a escolha dos subtítulos foi marcada por uma decisão exitosa, pois contribuiu para facilitar a compreensão de todo contexto proposto para esta pesquisa.

Conhecer mais profundamente Paulo Freire pela ótica de Ernani Maria Fiori, Moacir Gadotti e Edna Castro de Oliveira significou, entre outras coisas, refletir o seu pensamento a partir da lógica defendida por aqueles que em algum momento de suas vidas, tiveram a chance de viver, conviver e aprender com Paulo Freire. Acredito que nossos prefaciadores, ao terem recebido em primeira mão, o ineditismo dos escritos de Freire, conseguiram demonstrar com total propriedade em seus apontamentos, que o referido educador contribuiu efetivamente em suas carreiras.

É de grande valia reconhecer também que, o ímpeto em poder promover tanto a mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais quanto o papel da educação – da conscientização – nesse processo de mudança, caracterizaram-se como ponto alto da preocupação básica da pedagogia Freiriana. Proprietário de pensamentos acrônicos, Paulo Freire sempre se propôs a discutir pautas fecundas, mantendo a constância na evolução de seu pensamento ao longo de todas essas décadas.

E para todas as pessoas avessas ao pensamento de Freire, considero pertinente a recapitulação da fala de Lutgardes Costa Freire, filho mais novo do educador, chamando atenção para a necessidade de primeiro ler para poder conhecer Freire e somente depois criticá-lo. O citado depoimento foi concedido no ano de 2015 à Ester Ohl Fernande, que à época cursava Pedagogia na Faculdade de Educação da USP.

Por outro lado, vejo na fala de Lutgardes um alerta. O fato de enquanto fãs admiradores da trajetória de Freire, estarmos atentos para que seu nome não venha servir, de modo algum, como argumentações corriqueiras e tampouco desconexas das questões políticas educacionais do Brasil, razão pela qual devemos nos manter durante nossas andanças, fiéis combatentes de suas lutas.

Em suma, acredita-se piamente que não se comemora a toa o centenário de alguém que, mesmo não estando mais entre os vivos, tenha de fato, depositado seus préstimos à causas efetivamente significativas. No caso especial de Freire, que tenha posto longos anos de sua vida a serviço da educação deste país. Assim, movida pela crença em ter realizado um bom trabalho, chego a esse momento nutrindo a audaciosa certeza de que a potência Freiriana, mais uma vez, ecoou!

REFERÊNCIAS

BRASIL,Câmara dos Deputados.**Projeto de Lei - PL 5418/2005**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=289746> Acessado em: 05/01/2025.

BRASIL,Presidência da República.**Lei nº 12.612/2012**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htm Acessado em: 25/01/2025.

CHACON,Daniel Ribeiro de Almeida. **10 lições sobre Paulo Freire**, editora Vozes, Petrópolis/RJ, 2023.

COSTA, et al. **Ninguém sabe tudo, ninguém sabe nada - Edna Castro de Oliveira, educadora popular: uma história como tempo de possibilidades**. Revista Café com Paulo Freire. v.2, nº2, jul-set/2022. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/CPF/article/download/3006/1735> Acessado em: 12/01/2025.

Dicionário Online de Português - DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/prefacio/> Acessado em: 08/01/2025.

DUARTE, Alisson José de Oliveira; ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha. **Fundamentos Filosóficos da educação em Ernani Fiori**, ET: Educação, arte e filosofia/ nº 01, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/113914703/Fundamentos_Filosóficos_Da_Educação_Ernani_Fiori Acessado em: 11/01/2025.

FERNANDE, Ester Ohl. **Entrevista com Lutgardes Freire**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dbob1xRTI3I>. Acessado em: 04/01/2025.

FRAZÃO, Dilva. **eBiografia: biografias de famosos, resumo da vida, obras, carreira e legado**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/paulo_freire/ Acessado em: 03/01/2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire.(Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)**. Autores Associados, editora Cortez, São Paulo, 1989.

FIORI, Ernani Maria. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª edição. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1987. p.5-11.

Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro - CE-CIERJ. **Entrevista concedida por Paulo Freire a Serginho Groisman no Programa Matéria Prima da TV Cultura (1989)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ> Acessado em: 04/01/2025.

GADOTTI, Moacir. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª edição. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1979, p. 4-6.

MONTEIRO, Maria da Conceição Silva. **Consideração sobre prefácio e sua função na obra de Câmara Cascudo**. Imburana - Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte Rio Grandenses/UFRN, n. 10, p. 23-37, jul./dez. 2014.

OLIVEIRA, Edna Castro de. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Coleção Leitura, 25ª edição. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1996. p.7.

PORFÍRIO, Francisco. **Biografia de Paulo Freire**. Blog Mundo Educação/UOL. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm> Acessado em: 05/01/2025.

SANTOS, Paulo Vinícius F. A importância dos prefácios e posfácios. Blog Ficções humanas - Comparando o amor pela leitura. Disponível em: www.ficcoeshumanas.com.br/post/a-importancia-dos-prefacios-e-posfacios Acessado em: 05/01/2025

SOARES, Ismar de Oliveira. **Centenário de Paulo Freire: entrevista com Moacir Gadotti**. Portal de revistas da PUC/ 2021. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/191288> Acessado em: 11/05/2025

TOMÉ, Dyeinne Cristina; CAMPOS, Nevio de. Mariana Coelho: o uso do prefácio como estratégia de legitimação de sua trajetória. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592023000100404&lang=pt Acessado em: 06/01/2025